

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE		CÓDIGO DA FICHA					
		MG	01	03	17	F11	09
		UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Os Quilombos da Serra do Cipó
LOCALIDADE	Comunidade Quilombola Córrego da Cachoeira, Xambá e Ribeirão
MUNICÍPIO / UF	Dom Joaquim/Minas Gerais

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Foto de Luis Capitão – Fundador do núcleo Cachoeira de Baixo. Arquivo pessoal.



Cruzeiro da Venda Seca – Região de Ribeirão. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro de 2015.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

MG

01

03

17

F11

09



Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro de 2015.



Moinho d'água no curso do Córrego Ribeirão. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro de 2015.



Casa de Barro. Ribeirão do Meio. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro de 2015.



Feitio da Rapadura. Foto: Ana Tereza Faria. Cachoeira de Baixo. Janeiro de 2015.



Dona Liquinha (à esquerda) e suas filhas Cida (ao centro) e Cotinha (à direita). Foto: Lucas Henrique de Jesus. Sem data. .



Barragem na Fazenda Cachoeira. Foto: Lucas Henrique de Jesus. Sem data.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	03	17	F11	09
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS.

SÍNTESE
<i>SINTESE DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS - ASCAXAR</i> CELEBRAÇÕES Coroação de Maria* (em vigência) Novena e vigília a Nossa Senhora da Conceição (em vigência) Festa de Nossa Senhora Aparecida (em vigência) Reza de São Sebastião (em vigência) Celebração de Nossa Senhora de Fátima (em vigência) Fim da Colheita do Milho (em vigência) Festa de Santa Cruz – em memória FORMAS DE EXPRESSÃO Turma (Associação ASCAXAR)* (em vigência) Marujada Feminina N. S. da Conceição de Ribeirão de Trás* (em vigência) Caminhadas ao cruzeiro pedindo por chuva – em memória Reza em latim - Casos de assombração Recortado – em memória Caboclo - em vigência Time de Futebol Ribeirão de Trás (em vigência) Culinária local (em vigência) Serenata – em memória Folia de Reis – em memória OFÍCIOS E SABERES Artesanato em taquara (em vigência) Cachoeira em Artes (em vigência) Modo de fazer o sabão preto ou sabão de borra (em ruína) Modo de fazer o licor de jurubeba (em ruína) Modo de fazer o cuscuz de mandioca (em vigência) Modo de fazer a rapadura (em vigência) Modo de fazer o óleo de mamona Modo de fazer o fubá de moinho d'água (em ruína) Modo de fazer a casa de barro Benzeção – (tem vigência) Ofício de parteira –(em ruína) Culinária tradicional (em vigência) Doces tradicionais (em vigência) EDIFICAÇÕES Igreja de Nossa Senhora da Conceição - em vigência LUGARES Cruzeiro da Venda Seca Cruzeiro de Paulo Capitão Bica do Caldeirão de Ouro Córrego Grande Morro de Pedra Pé de Jenipapo - Valo onde nasceu Luiz Capitão (em vigência) Ruínas da casa de Luiz Capitão (em ruína)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	03	17	F11	09
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

A Comunidade Quilombola Córrego Cachoeira, Xambá e Ribeirão (ASCAXAR) está localizada no limite municipal entre Dom Joaquim (MG) – onde se encontra o núcleo Córrego Cachoeira - e Alvorada de Minas (MG) – onde está o núcleo Ribeirão. Não existem moradores na região conhecida como Xambá (ver item História). O núcleo Córrego Cachoeira é dividido entre duas regiões: Cachoeira de Cima (aproximadamente 8 famílias) e Cachoeira de Baixo (3 famílias). Já o núcleo Ribeirão se divide nas regiões Ribeirão de Trás (que conta com cerca de 22 famílias) e Ribeirão do Meio (com aproximadamente 12 famílias). Córrego Cachoeira encontra-se a 35 Km da sede municipal de Dom Joaquim e Ribeirão dista aproximadamente 25 km da cidade de Alvorada de Minas. Em ambos os casos, o deslocamento até as sedes municipais é feito via estrada não pavimentada.

Por meio do 'Programa Luz para Todos' do Governo Federal, nos anos de 2002/2003 uma rede de energia elétrica foi instalada em parte do núcleo Ribeirão. Em Ribeirão de Trás, todas as famílias foram contempladas pelo Programa. Já em Ribeirão do Meio até meados de 2016 apenas duas residências eram atendidas pela CEMIG: a de uma família quilombola e a propriedade do prefeito de Alvorada de Minas (gestão 2012/2016) e que, assim como os quilombolas, é um descendente do fundador da comunidade. A energia elétrica chegou para o restante de Ribeirão do Meio na segunda metade de 2016. Até esta data a maior parte dos moradores de Ribeirão do Meio permaneceram sem condições de uso de equipamentos como geladeira, chuveiro elétrico, televisão e telefone celular. Alguns dos quilombolas de Ribeirão do Meio já viveram casos graves de impossibilidade de cuidados com a saúde que demandam uso de equipamentos elétricos por causa da falta do fornecimento de energia. De acordo com alguns quilombolas, a rede destinada pelo Programa Luz para Todos havia sido deliberadamente desviada pelos órgãos competentes para outros fins.

Em 2006, todas as casas do núcleo Córrego Cachoeira tiveram acesso à energia elétrica, após a comunidade se mobilizar e organizar um abaixo-assinado.

Na região de Ribeirão funciona a Escola Estadual Retiro de Limoeiro, com turmas de ensino fundamental que atende parte das povoações rurais de Alvorada de Minas, incluindo Ribeirão. Os quilombolas de Dom Joaquim matriculados no ensino fundamental estudam em Gororós (Dom Joaquim). Para cursar o ensino médio, os quilombolas, sejam de Alvorada ou de Dom Joaquim, podem optar por estudar no distrito de Gororós ou na sede de Alvorada de Minas. Ambos os municípios disponibilizam transporte escolar. Durante certo período que durou até o ano de 2015, a Prefeitura de Dom Joaquim oferecia transporte escolar até Gororós para alunos do Ensino para Jovens e Adultos (EJA). Em 2016, entretanto, esse transporte foi cancelado e alguns quilombolas cursistas do EJA tiveram que interromper os estudos.

Em 2008, em contrapartida à instalação de estruturas necessárias ao empreendimento minerário da empresa MMX (depois vendida para a Anglo American) no município Alvorada de Minas, esta inaugurou um posto de saúde em Ribeirão de Trás para acolher além dos moradores dessa região, também os de Ribeirão do Meio, Três Barras, Retiro do Limoeiro e Jaguará, todos em Alvorada de Minas. Os quilombolas de Cachoeira são atendidos no posto de saúde do distrito de Gororós ou aguardam o atendimento médico quinzenal na escola estadual da povoação.

O acesso à água também acontece de forma diferenciada entre os núcleos habitacionais do quilombo e suas respectivas regiões. Cachoeira de Baixo conta com um poço artesiano concluído por volta de 2013, com recursos dos próprios quilombolas e apoio da Prefeitura Municipal de Dom Joaquim.

Nas regiões de Cachoeira de Cima e Ribeirão de Trás é comum o uso *cisternas* (como são localmente chamados os *poços freáticos*), que são reservatórios construídos pelos próprios quilombolas, cavados manualmente no solo, com profundidade variável e que captam a água mais superficial do lençol freático. Quanto mais profundas são perfuradas as *cisternas*, maior a possibilidade de uma vazão mais intensa da água. Muitas das *cisternas* presentes na comunidade não possuem revestimento interno, estando sujeitas a poluições que podem contaminar a água. Destaca-se que quanto mais raso é o poço, mais susceptível está a contaminações uma vez que as impurezas do solo - principalmente quando chove – misturam-se com mais facilidade à água. As cisternas de Cachoeira de Cima são mais profundas e disponibilizam uma vazão de água suficiente para o consumo humano e as atividades domésticas de cada uma das famílias. Já em Ribeirão de Trás, esses poços são mais rasos e fornecem uma pequena quantidade de água que é destinada principalmente para beber e, se houver quantidade suficiente, para cozinhar. Para completar a necessidade diária de água, como por exemplo, para lavar roupas e limpar a casa, os moradores de Ribeirão de Trás captam água de *tanques* (bebedouros para animais, em especial bovinos), muitas vezes poluídas com dejetos das criações. Já em Ribeirão do Meio são raras as cisternas. Lá os quilombolas recorrem à água da chuva, nascentes (transportando a água em baldes) e reaproveitamento da água dos *tanques*. Foram relatados diversos casos de esquistossomose em Ribeirão do Meio, a região com maior déficit em infraestrutura e saneamento no quilombo. Nas vésperas das eleições de 2016 a Prefeitura

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	03	17	F11	09
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Municipal de Alvorada de Minas instalou dois poços artesianos, um em Ribeirão de Trás e outro no Ribeirão do Meio. Em novembro de 2016, na data da última pesquisa de campo do INRC Quilombos do Cipó, o poço de Ribeirão de Trás funcionava de modo intermitente e o de Ribeirão do Meio ainda não funcionava.

Desde o início dos anos 2000, a comunidade quilombola sofre um processo de escassez de água. Por volta de 2002, o Córrego Cachoeira sofreu uma brusca queda em sua vazão. Foi suficiente para, por volta de 2004/2005, desativar uma barragem de produção de energia elétrica de uso particular na Fazenda Cachoeira (fazenda próxima ao núcleo Cachoeira). No segundo semestre de 2014, o mesmo riacho atingiu um volume extremamente baixo e quase secou. As águas do Córrego Ribeirão de Trás também tiveram seu volume reduzido. Ao que indicam os quilombolas, essa redução está associada à falta de chuvas articulada com a mudança no uso do terreno onde nasce esse riacho, transformado em uma plantação de eucaliptos por volta de 2008.

O único moinho de fubá no quilombo está disposto no curso do Córrego Ribeirão de Trás e hoje funciona apenas nos períodos chuvosos.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O quilombo está parcialmente localizado no município de Dom Joaquim e parcialmente em Alvorada de Minas. Dom Joaquim encontra-se localizada em uma região cujo bioma Mata Atlântica é o predominante. Dois principais rios atravessam seu território, o Rio do Peixe e o Rio Folheta, compondo a bacia do Rio Doce. Seu relevo varia entre plano (20% de seu território), ondulado (25%) e montanhoso (55%). A altitude máxima encontrada no município é de 985m, na Serra da Moranga, e a mínima, 663m. A média de temperatura anual gira em torno de 22°C, sendo a máxima de 28°C e a mínima de 14,7°C.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Fazenda Ribeirão (em Ribeirão de Trás), ruínas da casa de Luís Capitão (em Cachoeira); sede da Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

A Comunidade Quilombola Córrego Cachoeira, Xambá e Ribeirão se formou às margens dos Córregos Ribeirão de Trás, Ribeirão do Meio e Cachoeira. Contam que três negros foram os responsáveis pela origem do grupo: Luiz Capitão, fundador da povoação na região conhecida como Cachoeira de Baixo; Zé Vertelo, o patriarca de Cachoeira de Cima; e Vicente Garcia, o fundador de Ribeirão de Trás e Ribeirão do Meio. Em Xambá não vivem quilombolas, como será detalhado adiante.

O Córrego Ribeirão de Trás nasce em uma área considerada pelos quilombolas como originalmente propriedade de Vicente Garcia, que posteriormente foi vendida por seus descendentes a um forasteiro. Hoje esta área é ocupada por uma plantação de eucaliptos. O Córrego Ribeirão do Meio brota na divisa entre os quintais de duas quilombolas (Dona Tutuca e Dona Lurdes). Ele deságua no Córrego Ribeirão de Trás e o ponto de encontro entre esses dois cursos d'água foi batizado de Três Barras, localizado próximo à comunidade de mesmo nome. Já a nascente do Córrego Cachoeira está na fronteira entre as terras de herança de Zé Vertelo e o terreno de um homem chamado Epaminondas (filho de um fazendeiro da região). A região mais próxima da nascente é conhecida como Cachoeira de Cima. Mais a montante está Cachoeira de Baixo, povoação fundada por Luiz Capitão, e a Fazenda Cachoeira (onde os ascendentes de Luiz Capitão foram escravizados). Os córregos Ribeirão de Trás e Cachoeira, entre outros do entorno, se encontram formando um rio cuja trajetória atravessa a Fazenda Ribeirão (outra fazenda fundada sobre o trabalho escravo).

Os quilombolas conhecem pouco sobre a história de vida de Zé Vertelo e Vicente Garcia. Sabem que vieram da localidade rural Ribeirão de Areia, no município de Sabinópolis (limítrofe à Dom Joaquim e à Alvorada de Minas), e que possivelmente eram irmãos. Vicente Garcia casou-se quatro vezes, sendo sua última esposa chamada Maria Cândida da Silva Garcia. Já Zé Vertelo foi casado uma única vez, com uma mulher branca conhecida como Niquinha.

Sobre o modo de ocupação inicial dos territórios fundados por cada um deles, nenhum dos entrevistados soube dizer. Já em relação à história de vida de Luiz Capitão, incluindo sua chegada em Cachoeira de Baixo, um relato rico em

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	03	17	F11	09
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

detalhes foi concedido por uma de suas bisnetas, e será transcrito adiante. Entre os três fundadores, Vicente Garcia é o que detinha a maior extensão de terras e abrigava diferentes famílias de agregados. Hoje, os sucessores desses agregados compõem junto com os herdeiros de Vicente (e de Luiz Capitão e Zé Vertelo) uma intrincada rede de extenso parentesco.

O território original fundado por Vicente Garcia se estende para além de Ribeirão de Trás e Ribeirão do Meio, abrangendo Córrego das Lages, Três Barras e, ao menos, parte de Cachoeira de Baixo. Alguns trechos desse território inicial foram vendidos por um preço muito baixo, em transações envolvendo os próprios parentes: *“trocava prato de fubá por pedaço de terra”*, conta um dos quilombolas entrevistados, descendente do fundador. Os moradores de Córrego das Lages e Três Barras também são descendentes de Vicente, mantêm relações de amizade e reciprocidade com os quilombolas, mas não se auto-atribuem essa identidade étnica. Outros herdeiros também não se entendem como quilombolas. Trata-se da linhagem de Miguel Garcia, um dos filhos do fundador. A esta linhagem pertence Valter Antônio Costa, Prefeito de Alvorada de Minas, neto de Miguel. Eles ocupam uma extensa área em Ribeirão, sendo uma parcela herdada por Miguel Garcia e uma porção comprada de outros herdeiros. Vicente era ainda dono de um trecho de terras em Cachoeira de Baixo. Essa área ficou para Miguel Garcia e mais tarde foi vendida por um de seus sucessores a um genro de Luiz Capitão conhecido como *Sutero* e permanece compondo o atual território quilombola.

Sobre a história de vida de Luiz Capitão e a origem da região quilombola Cachoeira de Baixo, o patriarca narrou episódios à bisneta Antônia e ao término explicou: *“eu estou contando isso pra você porque você é a minha segunda bisneta mais velha e você vai passar de gerações e gerações. Não deixa meu nome se perder na história!”* (Antônia Maria Pereira, xx anos). A história foi contada sob uma mangueira durante o intervalo de um mutirão para barrear a casa de um dos netos de Luiz Capitão. Para registrar, Antônia marcou a data em uma das paredes em construção: 21 de janeiro de 1986.

Luiz Gonzaga (ou Luiz Capitão, como ficou mais tarde conhecido) nasceu no ano de 1901, filho de Maria Maia, uma negra nascida na Fazenda Cachoeira, que nessa época era propriedade de Chico Maia. Neste período, apesar da abolição formal da escravatura, perpetuavam as relações escravistas sem que nenhuma política de reparação fosse instituída para inserir a população negra na sociedade brasileira e os negros da Fazenda Cachoeira – como tantos outros - permaneciam explorados.

A mãe de Luiz Capitão, já com outros quatro filhos, escondia sua gravidez. Ao sentir as contrações do parto caminhou até a mata alegando que buscava lenha. Pariu a criança em um valo e, para que seu filho não fosse tratado como um escravo, ali mesmo o acomodou e retornou sozinha. O recém-nascido foi encontrado por vaqueiros que logo descobriram a identidade da mãe. Luiz Capitão aprendeu a ler e a escrever na Fazenda Cachoeira. Antônia supõe que o bisavô era filho de um Capitão do Mato, o que lhe valeu a alcunha de “Luiz Capitão” e lhe permitiu a oportunidade do letramento. O valo onde nasceu o patriarca da família é hoje lugar de referência para a comunidade.

Minha Origem

Vou contar uma história/Quando tudo começou/A origem da minha comunidade/Onde morava o meu bisavô/Nascido dentro de um valo/E sua mãe ali deixou/Já era tarde do dia/Quando um vaqueiro o encontrou/Lutando pra sobreviver/Trabalho com agricultura/Deixando seus ensinamentos/A uma geração futura/Sendo filho de escrava/Ele sempre nos ensinou/A preservar nossa cultura/E amar a nossa cor/Somos negros/Descendentes de quilombolas/A melhor coisa do mundo/É falar de nossa história.

Poema de Antonia Maria Pereira, bisneta de Luiz Capitão

Além de agricultor, Luiz Capitão era vaqueiro e, conduzindo os rebanhos, frequentemente transitava pela Fazenda Ribeirão. Casou-se com Maria Marta Pereira (depois apelidada de “Maria Capitoa”), filha de ex-escravos da Fazenda Ribeirão que após a abolição permaneceram no mesmo local e sob as mesmas condições de exploração. Maria Marta e Luiz Capitão, recém casados, se estabeleceram como agregados na Fazenda Cachoeira onde nasceram seus cinco filhos, além de quatro adotados. Após Luiz Capitão recusar um pedido do fazendeiro (Chico Maia) - que uma de suas filhas servisse na casa grande -, a família foi expulsa da propriedade. Ele sabia que autorizar a filha a trabalhar na fazenda significava consentir que se sujeitasse a condições de escravidão. Como plantava *na meia* com Chico Maia, uma parcela da colheita era devida a ele. Antes de deixar a moradia, colheu o milho plantado, ainda sem amadurecer, e distribuiu uma parte aos vizinhos. O fazendeiro ordenou a seus funcionários que lançassem aos porcos a outra metade da lavoura, ignorando a toxidade da palha do milho verde. Os porcos do fazendeiro foram todos envenenados.

Contando com uma reserva de dinheiro, Luiz Capitão comprou um pedaço de terra às margens do Córrego Cachoeira, onde se formou a comunidade. Dia e noite a família trabalhou para construir a nova morada, feita de adobe e telhas de barro moldadas na coxa. Esta casa se manteve erguida por mais de 50 anos e suas ruínas permanecem no local. Mais tarde, adquiriu outro terreno na região Cachoeira de Baixo e um em Ribeirão de Trás. Parte do dinheiro investido nessas duas terras reuniu criando e vendendo porcos *na meia* com vizinhos, parentes e amigos.

Em Ribeirão, Luiz Capitão construiu uma casa de madeira com dois pavimentos, hoje desmanchada. No porão, por volta dos anos 1950, funcionou uma escola, com professora contratada por ele. Lá, muitos dos atuais moradores da comunidade aprenderam a ler e escrever. Com este projeto, a intenção de Luiz era oferecer a seus filhos e netos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	03	17	F11	09
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

condições para que não se sujeitassem à exploração em fazendas. Luiz Capitão anotava todas as suas negociações de compra e venda e muitos dos acontecimentos diários. Esses documentos ficaram sob a guarda de Antônia, sua bisneta, que doou alguns dos cadernos ao Museu de Dom Joaquim, atualmente inoperante.

Os limites do território quilombola em Cachoeira de Baixo somam uma área comprada por Luiz Capitão e outra por um dos seus genros (Ernestino Carneiro dos Santos, conhecido como Suterio). Entre os herdeiros de Luiz Capitão, permaneceram na comunidade apenas as famílias de suas filhas Pedrelina Pereira (esposa de Suterio) e Conselita Mercês (casada com Paulo Capitão). A primeira herdou uma parcela de terras em Cachoeira e a segunda em Ribeirão de Trás.

Hoje, Cachoeira de Baixo é ocupada por três famílias, todas descendentes do casal Pedrelina e Suterio. Este, assim como Luiz Capitão, é uma referência para os moradores desse núcleo quilombola, que inclusive são conhecidos como “povo de Suterio”. Ele nasceu no ano de 1928 na localidade rural Córrego do Baú, no distrito de Gororós. Casou-se por volta de XXXX e junto à esposa viveu por um tempo nas terras de Luiz Capitão. Em um segundo momento, foi morar e trabalhar como agregado na Fazenda do Cedro, confrontante com as Fazendas Ribeirão e Cachoeira e propriedade de um homem conhecido como Nonô de Mauro. Essa fazenda foi conhecida por suas inúmeras roças, todas plantadas em parceria com agricultores familiares da região, incluindo os quilombolas. No subsolo desta fazenda funcionou uma escola, onde muitos moradores de Cachoeira e Ribeirão, especialmente da geração dos filhos de Suterio (portanto, por volta de 1970), aprenderam a ler e escrever.

Mais tarde, após acumular uma determinada quantia em dinheiro, Suterio retornou para Cachoeira de Baixo, onde comprou parte do terreno do sogro, além de uma área vendida por descendentes de Miguel Garcia. Quando a Fazenda do Cedro foi repartida entre os herdeiros, a parceria com agricultores foi desfeita e alguns passaram a plantar *na meia* ou *na terça* com Suterio. Além de espaço suficiente para ceder a outros lavradores, em sua propriedade há ainda uma área de mata nativa, onde muitos quilombolas extraem madeira com finalidades diversas, como lenha, material de construção de casas ou cercas, além do barro tabatinga, para caiar paredes de barro. Sobre disponibilidade de recursos no local, a nora de Suterio analisa: “A mata num é muito grande não e a madeira nunca que acaba. Graças a Deus. Parece que quanto mais dá madeira pros outros, mais sai madeira.” (Maria Aparecida de Jesus Fátima). Reconhecido como um homem generoso, Suterio doou um lote para a construção da sede da ASCAXAR (Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão) e um terreno para criação do pomar coletivo da associação.

A Fazenda Cachoeira foi vendida por Chico Maia, em 1946, a José de Figueiredo Sobrinho e sua esposa Maria da Piedade Thomaz. Muitos dos quilombolas trabalharam no sistema de parceria (*na meia* ou *na terça*) com o casal. Com o falecimento de Maria Piedade em 1997, já viúva, foi arrolada a partilha dos bens entre os filhos e apenas um deles - Lúcio Thomaz - manteve a parceria com os quilombolas. Lúcio recebeu a região conhecida como Xambá. Lá viveu com sua esposa, Neuza Pires, entre os anos de 2002 e 2005, aproximadamente. O casal, que atualmente mora na sede municipal, é membro da Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão (ASCAXAR). É em função da participação dos dois que a associação carrega “Xambá” em seu nome. Por volta de 2005 venderam o sítio e como eram os únicos moradores de Xambá, hoje esta região encontra-se desabitada. Atualmente, todos os espaços da antiga Fazenda Cachoeira antes usados para plantio foram substituídos por pasto. Pela falta de terras na comunidade, os quilombolas continuam a plantar no sistema de parceria, mas agora em outras fazendas da região.

A Fazenda Ribeirão foi construída por volta do início do século XVIII. O primeiro morador do qual existem referências é Padre Pereira Campos, um latifundiário do município de Alvorada de Minas. O sacerdote viveu no local possivelmente no século XIX, sendo que no final deste mesmo século a fazenda foi ocupada pela família de um homem chamado Teófilo Pinheiro, natural do município Serro. Em seguida passou à propriedade de Ielê Maia, irmão de Teófilo e de Chico Maia (proprietário da Fazenda Cachoeira). Por volta de 1942, Ielê Maia vendeu a propriedade para Cristiano Nunes da Silva, pai do atual dono (Ailhê Nunes da Silva). A partir de relatos do pai, Ailhê conta que até a década de 1940 havia muitos trabalhadores em condições de escravidão na fazenda. (As informações deste parágrafo compõem o texto das fichas de caracterização do bem material Fazenda Ribeirão - Inventário do Patrimônio Artístico e Cultural - IPAC/Exercício 2010/Prefeitura Municipal de Dom Joaquim).

Os quilombolas contam que Padre Pereira foi um senhor de escravos conhecido por sua crueldade. Foi assassinado por negros rebelados após o castigo rigoroso a um deles. No local onde morreu foi erguida a “Cruz do Pereira”. Já durante a gestão de Ielê Maia na Fazenda Ribeirão, Maria Marta Pereira, esposa de Luiz Capitão, foi explorada como ama de leite e quando este lhe faltava era castigada com azeite quente gotejado em seus ouvidos, presa ao chão por pregos cravados sobre sua saia. Na época, os escravos eram obrigados a adotar o sobrenome de seus senhores. Assim, aqueles da Fazenda Ribeirão herdaram o sobrenome de Padre Pereira, caso de Maria Marta Pereira. Já os negros da Fazenda Cachoeira carregam o sobrenome de Chico Maia, como a mãe de Luiz Capitão, Maria Maia.

No ano de 2003, parte dos quilombolas se organizaram na Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão (ASCAXAR), citada acima. Desde então, recebem apoio frequente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER-MG). Como desdobramento desse contato, em 2012 a política quilombola foi apresentada à comunidade por Thiago Perpétuo Pereira, técnico agropecuário da EMATER-MG, unidade de Dom Joaquim. Em 30 de novembro do mesmo ano, os associados da ASCAXAR e outros moradores de Ribeirão e

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE					MG	01	03	17	F11	09
------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Cachoeira reuniram-se com a finalidade de deliberar sobre a auto-definição como comunidade quilombola. Thiago e Maria Aparecida de Jesus Fátima, na época presidente da associação, explanaram sobre os benefícios do auto-reconhecimento e os tramites para a emissão do certificado. Todos os presentes registraram seus nomes na ata da reunião, manifestando concordância com a atribuição da identidade étnica ao coletivo mais amplo Quilombo ASCAXAR que então se formava. A Certidão de Auto-Reconhecimento como Comunidade Quilombola foi emitida pela Fundação Cultural Palmares em 19 de setembro de 2013.

Participam da associação apenas habitantes dos núcleos Cachoeira de Baixo, Ribeirão de Trás e Ribeirão do Meio (mas não todos de cada um desses núcleos) e nenhum dos moradores de Cachoeira de Cima. Destaca-se que todos os associados são quilombolas, mas nem todos os quilombolas integram a ASCAXAR.

Sobre o nome da comunidade quilombola, após a criação da associação a sigla ASCAXAR (Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão) se tornou uma identidade da comunidade. Assim, ao solicitarem a certificação na Palmares, decidiram manter a mesma designação.

Tradicionalmente, como é comum às comunidades quilombolas rurais, todas as famílias de Ribeirão e Cachoeira mantêm uma produção agrícola destinada ao consumo doméstico, em geral, no sistema de parceria com fazendeiros porque não dispõe de terra suficiente. Recentemente a ASCAXAR firmou um contrato com as escolas municipais e alguns agricultores fornecem alimentos para a merenda escolar [na próxima versão contextualizaremos o Programa referente a esta política pública]. Antes dessa recente produção destinada às escolas – seja das hortas e roças particulares ou da roça coletiva – não existia cultivo destinado à comercialização. Vendia-se apenas o excedente, normalmente para vizinhos e parentes, quando esses não colhiam quantidade suficiente para o consumo próprio. De todo modo, em geral, apenas uma parte das famílias filiadas à associação comunitária destina uma pequena parcela de sua produção às escolas.

Com a substituição da agricultura (cultivados *na meia* ou *na terça* com os quilombolas) pela pecuária, as fazendas passam a contratar os lavradores como vaqueiros ou para *bater pastos*. O dinheiro que circula na comunidade provém basicamente desses serviços, das aposentadorias, de bolsas família, do trabalho temporário masculino em outras regiões (nos meses de abril a setembro, intervalo entre as principais atividades na roça) e, mais recentemente, do montante pago aos agricultores pelos alimentos fornecidos às escolas municipais.

Em função dos critérios da vigilância sanitária, para as escolas os quilombolas podem apenas fornecer alimentos in natura. Desse modo, os quilombolas de ASCAXAR fornecem feijão, mandioca, abóbora e hortaliças. A farinha de mandioca e o milho que também produzem com maior abundância, seja o grão ou o fubá, não podem ser destinados aos estudantes, por serem processados. De todo modo, entre as diferentes lavouras cultivadas, o milho ocupa a maior parte das áreas plantadas pelos quilombolas, sendo 100% para consumo local. Várias das comidas da culinária típica local incluem o milho em seus ingredientes. Além de servir ao consumo humano - cozido ou como fubá -, o milho é essencial para a alimentação de porcos – principalmente – e outros animais, como vacas, cachorros e galinhas.

Apenas duas famílias, a de Aparecida (em Cachoeira de Baixo) e a de Dona Liquinha (em Ribeirão de Trás), filha e mãe respectivamente, possuem casa de farinha em suas residências. A maior parte dos quilombolas produz a farinha e o polvilho em parceria (*na meia*) com elas, mas principalmente com Aparecida, em função da idade de Dona Liquinha, com 82 anos. O único moinho de fubá que na comunidade, está instalado na casa de Dona Liquinha. Ele é movido à água e está disposto no curso do Córrego Ribeirão de Trás.

Cada um dos terrenos individuais na comunidade reproduz um padrão, composto por casa, quintal, roça de milho, roça de feijão, horta, paiol e chiqueiro. O quintal é o terreno próximo da casa no qual plantam cana, alguns pés de café e frutas. Como no entorno das casas as árvores frutíferas compartilham espaço com outras variedades de plantas, segundo o entendimento local não configuram um *pomar* (este definido localmente como um terreno plantado exclusivamente com árvores frutíferas). A roça pode ser cultivada no entorno das residências ou em espaços exclusivos (em geral, nas fazendas). Como “roça” os quilombolas chamam a plantação daqueles vegetais colhidos uma vez ao ano, portanto, tem-se roça de milho, de feijão, de arroz e, mais recentemente, de abóbora. No caso da mandioca, cujo ciclo demanda três anos, não se trata de uma roça e sim de um mandiocal (que como as roças, comumente é cultivado em terras de fazendeiros).

Além de galinhas e porcos, parte expressiva das famílias, em especial aquelas com crianças, possui ao menos uma vaca para consumo doméstico do leite. O animal é criado em *pastinho* próprio (uma minoria) ou arrendado. No segundo caso, o espaço (equivalente a um campo de futebol aproximadamente) custa, ao mês, o mesmo que a diária local paga a um trabalhador (hoje, R\$ 35,00). Esse valor é padronizado e reproduzido desde gerações passadas.

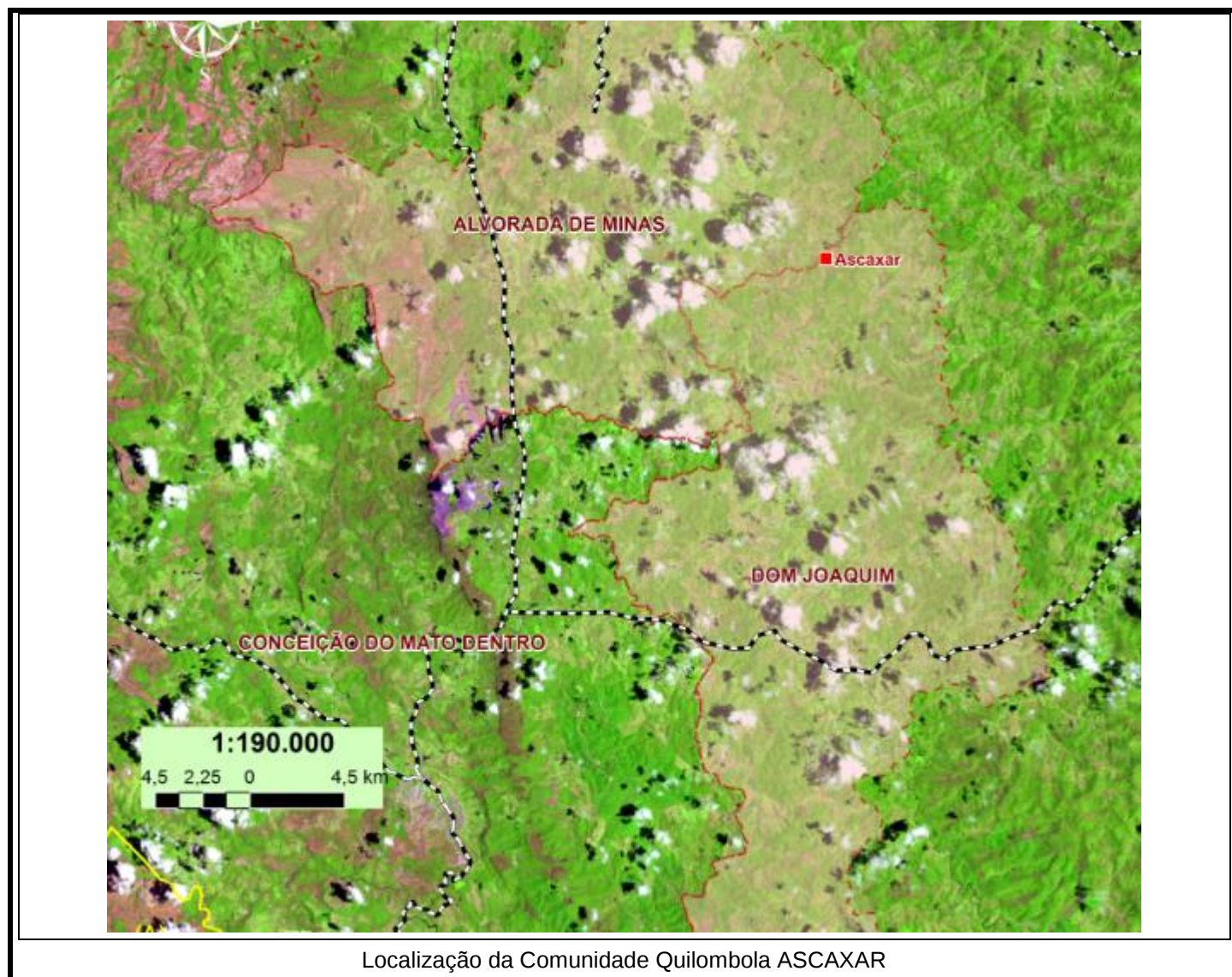
5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
03 de junho de 2003	Data da fundação da Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão (ASCAXAR)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	03	17	F11	09
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

19 de setembro de 2013	Comunidade Quilombola Córrego da Cachoeira, Xambá e Ribeirão é certificada pela da Fundação Cultural Palmares.
------------------------	--

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Em **Dom Joaquim**, a política de cultura é gerida pela Secretaria Municipal de Turismo e Cultura. O município possui Conselho Municipal do Patrimônio Cultural (Capítulo II da Lei nº 856/2008), legislação sobre patrimônio cultural (Lei Nº 856/2008) e Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural (Lei Municipal nº 886/200?). O município não possui legislação sobre o meio ambiente e as questões ambientais seriam tratadas no Plano Diretor do Município, na época em processo de elaboração, com o apoio da empresa *AngloAmerican*. Fonte: Levantamento Preliminar do INRC da Serra do Cipó /2010.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	03	17	F11	09
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES
--

8.2. RECOMENDAÇÕES
--

9. DOCUMENTOS ANEXADOSOBS.: VER ANEXO 1: *BIBLIOGRAFIA*

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Anexado
ANEXO 4: CONTATOS	Anexado
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	Anexadas. São três fichas contendo informações dos seguintes bens: Turma (ofícios e modos de fazer), Marujada Feminina de Ribeirão de Trás (forma de expressão) e Coroação de Nossa Senhora (forma de expressão)

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
SUPERVISOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
REDATOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira	DATA 04/07/2017	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	CAMPO – Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio		